



Agricultura de base ecológica Xukuru e comercialização: a concretização de um sonho coletivo

Ecologically-based agriculture Xukuru and commercialization: the realization of a collective dream

ARAÚJO, Marli Gondim de¹; MARIANO, Elisângela de Freitas²; SILVA, Janaína Nair da³; FIGUEIREDO; Marcos Antônio Bezerra⁴

1 Universidade Federal Rural de Pernambuco, marligondim@gmail.com; 2 UFRPE, elisangela.freitas.mariano@gmail.com; 3 UFRPE, janainaarual@hotmail.com; 4UFRPE, mfigueiredoufrpe@gmail.com.

RESUMO: Os Xukuru habitam a Serra de Ororubá em Pesqueira-PE bem antes da colonização portuguesa. Desde então lutam para garantir a demarcação das terras e a manutenção de seu povo em território sagrado. Uma das formas de resistência é a prática de agricultura de base ecológica, identificada com tradições transmitidas oralmente de geração a geração. As famílias atualmente realizam o sonho de seu líder “encantado” Chicão Xukuru, que lutou pela constituição de feira em Pesqueira. Algumas famílias foram além do sonho de Chicão: comercializam também em outro município e ao Programa de Aquisição de Alimentos, quase 40 tipos de produtos. O cultivo ecológico e a comercialização têm um significado além da preservação ambiental e sustentabilidade econômica: é a reafirmação da preservação das tradições dos Xukuru na relação com a terra sagrada e a espiritualidade. Este texto foi construído por um grupo de estudantes da UFRPE a partir da Jornada Internacional de Agricultura Familiar, Camponesa e Indígena de PE em outubro/2014.

PALAVRAS-CHAVE: Xukuru; Agricultura; Ecologia; Comercialização

ABSTRACT: The Xukuru inhabit the Sierra de Ororubá in Pesqueira, Pernambuco well before the Portuguese colonization. Since then struggle to ensure the demarcation of the land and the maintenance of its people on sacred territory. One form of resistance is the practice of ecologically-based agriculture, identified with traditions handed down orally from generation to generation. Families currently realize the dream of their leader "delighted" Chicão Xukuru, who fought for the establishment of fair in Pesqueira. Some families were beyond Chicão dream: they also trade in another municipality and the Food Acquisition Program, nearly 40 kinds of products. The ecological cultivation and marketing have a meaning beyond the environmental preservation and economic sustainability: the reaffirmation of the preservation of the traditions of the Xukuru in relation to the holy land and spirituality. This text was built by a group of students from UFRPE from the International Family Day Agriculture, Peasant and Indigenous PE in October / 2014.

KEYWORDS: Xukuru; Agriculture; Ecology; Commercialization

Contexto

Este trabalho visa apresentar brevemente alguns aspectos que caracterizam o modo de produção de base ecológica do povo Xukuru de Ororubá, habitantes da Serra do Ororubá no município de Pesqueira em Pernambuco. A realização do trabalho se insere no contexto da Jornada Internacional da Agricultura Familiar, Camponesa e Indígena, promovida pelo Núcleo de Agroecologia e Campesinato (NAC/UFRPE) e Associação Brasileira de Agroecologia (ABA), além de outras quinze instituições representativas e de apoio às organizações, comunidades e povos do rural pernambucano. Com o tema, “Povos de Pernambuco: Diversidade, Território e Soberania Alimentar”, a Jornada foi realizada no período de 15 a 16 de outubro de 2014, na UFRPE, com a participação de seis povos/comunidades representativos da diversidade do rural em Pernambuco, a saber: Povo Xukuru de Ororubá-Pesqueira; Assentados e assentadas do Assentamento Chico Mendes III–São Lourenço da Mata e do Assentamento Amaragi-Rio Formoso; Mulheres Agricultoras do Sertão do Pajeú; Acampados e acampadas de Malhada–Arcoverde; Quilombolas de Conceição das Crioulas–Salgueiro; Povos de terreiro de diferentes tradições (Terreiro Sítio do Pai Adão, Centro de Umbanda Luz Divina e Terreiro Ilé Asé Eghé Awó) de Recife e Camaragibe. O trabalho foi realizado por um grupo de estudantes e apresentado à disciplina Educação Agrícola e Sociologia Rural da turma do 1º semestre do Curso de Licenciatura em Ciências Agrícolas da UFRPE.

Para conhecer os modos de plantar, colher e comer, os seis diferentes povos apresentaram instalações pedagógicas. O povo Xukuru, em sua instalação, propiciou a observação de aspectos ligados ao tema da Jornada, a partir da exposição de objetos característicos e de depoimentos dos indígenas. Durante a Jornada, o grupo de estudantes que realizou o trabalho, teve a oportunidade de gravar as falas dos indígenas e perguntas a eles dirigidas em sua instalação, assim como fazer registros fotográficos. Para complementar as informações obtidas durante a Jornada, foram realizadas conversas informais com alguns indígenas, pesquisas em textos, artigos de jornais, monografia e outras fontes que se fizeram necessárias para dar conta do tema em questão. As informações aqui apresentadas são de caráter preliminar e não têm a pretensão de dar conta da riqueza e complexidade dos aspectos culturais e técnicos que norteiam o modo de produção de base ecológica da etnia Xukuru.

Descrição da experiência

A presença dos índios Xukuru na Serra do Ororubá vem desde a época da colonização portuguesa, provavelmente nunca daí tendo se afastado. Documentos de 1690 falam de sua presença na região. O desbravamento dessa região pelos portugueses no século XVIII atingiu locais já habitados pelos índios Xukuru, que dominavam toda a região da Serra do Ororubá. As informações dão conta da



extinção pelo Governo da aldeia dos índios de Cimbres em 1789, como aconteceu com outras aldeias que ainda sobreviviam à invasão do seu território. A partir de então, os Xukuru foram alvo de perseguições dos novos moradores e quando não, os ajudavam no desbravamento da região. A partir de 1850, com a Lei de Terras, invasores do território Xukuru e as autoridades provinciais solicitaram ao Governo Imperial a extinção do aldeamento, sob a alegação de que não existiam mais índios e sim caboclos e que o município necessitava se expandir. Para isso, requeria as terras dos Xukuru como patrimônio. O Governo Imperial em 1879 decretou oficialmente a extinção do Aldeamento de Cimbres. Os maiores beneficiários de tal medida foram os arrendatários, entre os quais, fazendeiros invasores e vereadores. Que tinham influência na política nacional e na província. A partir daí os índios se viram forçados a venderem sua força de trabalho aos fazendeiros locais para sobreviverem. (PALITOT, 2003) Em 1880, a sede do município foi transferida para Pesqueira e a Vila de Cimbres passou à condição de distrito. (SILVA, 2007)

Na década de 1920, foram empreendidos esforços para identificação e reconhecimento de vários povos indígenas na região Nordeste que estavam sendo expulsos de seus territórios, pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI). Nas décadas seguintes, os Xukuru de Ororubá foram incluídos entre estes povos. Segundo Palitot, 2003, até a década de 1950, são raros os registros sobre os Xukuru. Apenas em 1944, apareceram os primeiros documentos oficiais. Em 1953, fato marcante foi a ida de três índios, a pé, ao Rio de Janeiro para solicitar apoio aos índios. Retornaram em 1954 à Pesqueira, acompanhados de um funcionário do SPI. O resultado das negociações foi a desapropriação de apenas 6,75 ha, o que, aliado à pressão dos fazendeiros, gerou um movimento migratório para São Paulo e Recife, que perdurou até fins da década de 1960. Até meados da década de 1980, a situação dos Xukuru, foi permeada pela ausência de terras para plantar, a proibição de realizar os rituais sagrados e o consequente assalariamento, além da repressão contra a sua organização política. (PALITOT, 2003, p. 114). Neste período, Chicão Xukuru desponta como liderança de seu povo e o país vivia um momento de efervescência política e emergência de vários movimentos populares. É neste contexto que se iniciam os debates para a elaboração da Constituição de 1988, com forte participação das populações indígenas e o apoio de várias organizações, entre elas o Conselho Indigenista Missionário (CIMI). (PALITOT, 2003, p. 117). Após a promulgação da Constituição de 1988, que reconheceu aos índios o direito ao usufruto da terra tradicionalmente ocupada por estes povos, os Xukuru liderados pelo cacique Chicão, reorganizaram-se em torno da reconquista da terra. Porém, provavelmente a mando de fazendeiros descontentes com a luta para a demarcação de terras, um homem não identificado assassinou o cacique Chicão no dia 20 de maio de 1998.

Agricultura Xukuru – espiritualidade enraizada





A agricultura Xukuru foi favorecida pelo clima predominante do Agreste Pernambucano. A Serra do Ororubá possui clima tropical subúmido, apresentando ambientes conhecidos por “brejos de altitude”, os quais possibilitam uma destacada produção agrícola. A prática agrícola desse povo teve início no ano de 1661, quando lhes foi concedido o povoamento da Serra do Ororubá em Pesqueira. Em seguida, passaram a trabalhar nas fazendas de plantações e até como diaristas mal remunerados. Alguns foram forçados a arrendar pequenas frações de suas terras para o cultivo de plantas de ciclo curto, geralmente milho e feijão, com o compromisso de deixar a terra semeada com capim ou palma, pronta para os rebanhos de gado do patrão. Em algumas situações havia perda de grande parte da produção porque o gado era solto antes mesmo da colheita. Vale destacar que o potencial agrícola da localidade, aliado às mudanças no seu modo de produção, foi bastante alterado desde que o domínio das terras passou a servir à lógica pecuarista e de poderio dos fazendeiros da região. Somente em 1988, a partir da figura de Chicão Xukuru, quando nomeado cacique da tribo, houve a reestruturação e organização interna do povo em busca da demarcação territorial e da cidadania indígena. Com o assassinato de Chicão em 1998, o povo Xukuru continuou com muita coragem a luta para realizar o seu sonho, que consistia na possibilidade de comercialização dos produtos agrícolas na feira de Pesqueira. (ARAUJO & NEVES, 2011). A instalação dessa feira só viria a ser concretizada em 2006, quando o povo Xukuru já possuía mais autonomia em relação ao uso da terra.

A agricultura Xukuru possui particularidades que a caracterizam como diferente, inclusive das praticadas por outros/as agricultores/as de base ecológica. Segundo depoimento de Iran Ordônio, a coletividade, a solidariedade e a partilha são valores que norteiam a prática cotidiana dos Xukuru. A associação com a espiritualidade, através de um processo de percepção, interpretação e execução dos ensinamentos dos “encantados”, orientam as práticas desenvolvidas. Assim, os cultivos são regidos pelos simples sinais emitidos pela natureza, como no caso das ervas medicinais, que constituem a base da saúde desse povo, conforme afirma Iran: “Se a saúde, não fizer a saúde, a partir do terreiro, das ervas, das plantas, dos sistemas tradicionais de cura, ela não vai ser um elemento da identidade.” O aprendizado sobre o cultivo e uso das plantas medicinais foi transmitido de geração à geração como explica Edjane Pereira, em depoimento ao Diário de Pernambuco: “Aprendi com minha mãe que aprendeu com a minha avó.” Atualmente os Xukuru que fazem cultivos ecológicos, plantam uma variedade de mais de 40 tipos de legumes, hortaliças, raízes e grãos, como é o caso de Edjane e seus irmãos Almir e Ângela Neves Pereira. Eles realizam a comercialização em duas feiras nos municípios de Pesqueira e Arcoverde e também através do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). O processo de produção e comercialização conta com apoio e parcerias do Instituto Agrônomo de Pernambuco (IPA), o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) e o Conselho Indigenista Missionário (CIMI), para assistência técnica e desenvolvimento de projetos (ARAUJO & NEVES, 2011). Há ainda parceria com o Programa de Apoio ao Pequeno Produtor Rural (ProRural) através do financiamento a projetos produtivos.

Resultados

Um dos principais resultados observados atualmente é que a experiência de inserção da produção dos Xukuru em duas feiras de produtos de base ecológica tem servido para modificar a ideia que era propagada na cidade de Pesqueira, que a partir da retirada dos fazendeiros do território indígena haveria uma diminuição na produção de alimentos, diminuindo a oferta dos mesmos no comércio local, gerando consequentemente problemas de ordem econômica. Além disso, e como consequência da inserção qualificada das famílias que comercializam produtos em dois municípios, os Xukuru aumentam sua renda e retornam à tradição dos conhecimentos transmitidos oralmente, de geração em geração: a época certa do cultivo e da colheita, de acordo com as fases da lua, o cultivo das plantas medicinais e de algumas espécies de plantas, a exemplo do feijão guandu, elementos fundamentais para a manutenção das tradições e fortalecimento da identidade étnica do povo Xukuru.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, A. L. de O.; ORDONIO, I. N. **Feira Xukuru do Ororubá**: conquistas em torno de uma experiência de comercialização de alimentos de base ecológica. Fortaleza: VII Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2011.

CAVALCANTI, Juliana. Xukurus de volta às origens. **Diário de Pernambuco**, Recife 28 set. 2014. Caderno Poder 2. Pag. b14-15.

SILVA, Edson. **História, memórias e identidade entre os Xukuru do Ororubá**. Campo Grande – MS. Tellus, ano 7, nº. 12, p. 89-102, abr. 2007.

PALITOT, Estevão Martins. **Taiman chamou nosso cacique**: a morte do Cacique Chicão e a (re)construção da identidade entre os Xukuru do Ororubá. Monografia. João Pessoa, PB. Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba, 2003.





Figura 1- Hortas da Aldeia Santana, 2010. Foto: Marli Gondim



Figura 2-Iran Ordônio, Jornada da Agricultura Familiar, Indígena e Quilombola. out 2014. Foto Marli Gondim

